

# Senador diz que FHC tenta fragilizar Congresso

Joédson Alves/AE-17/4/2001

ACM vai negar ligação com violação do painel e dizer que não tem culpa, se alguém usou seu nome

BIAGGIO TALENTO

O senador Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA) insinuou ontem que o governo federal pode estar por trás do escândalo do painel eletrônico do Senado. "Tudo isso aparece depois que eu faço uma campanha violenta contra o governo", declarou. Ele acusou ainda o presidente Fernando Henrique Cardoso de tentar enfraquecer o Congresso. "Evidentemente, o presidente quer fragilizar o Congresso, no momento que a economia dá sinais de fraqueza e as críticas eram em torno do seu governo. Com um Congresso mais frágil, ele fica mais forte."

Indagado se achava que Fernando Henrique seria responsável pela "trama", ACM preferiu a cautela. "Não sei, acho que o presidente deve entregar esse caso ao Senado, sem fazer pressão de qualquer espécie, como ele tem feito com alguns casos, como a reeleição." O senador criticou o que chamou de aparente "satisfação" do presidente com o caso.

ACM negou que exista acordo para evitar a cassação do seu mandato e do senador José Roberto Arruda (PSDB-DF), ex-líder do governo na Casa. "Não há acordo nenhum, apenas tive uma nota de apoio do PFL, que muito me honrou. Acho que é a opinião de outros senadores: agora também há outros da oposição que não querem ver com imparcialidade o assunto."

O parlamentar deu as declarações depois de visitar o Memorial Luís Eduardo Magalhães, ontem pela manhã, quando completou três anos da mor-



O senador Arruda pode ser deixado de lado por ACM durante depoimento na Comissão de Ética

te de seu filho. Ele confirmou que pretende provar sua inocência no depoimento na Comissão de Ética do Senado, previsto para quinta-feira.

"Meu propósito é mostrar que os fatos são totalmente diferentes da versão apresentada pela doutora Regina (Célia Borges, ex-diretora do Prodasen). A verdade vai prevalecer, pois outros depoimentos devem também esclarecer o assunto", comentou. "Ela está passando por uma pessoa excepcional, a partir do seu depoimento, e a imprensa fazendo um julgamento sem que haja sequer a oportunidade de se contraditar e mostrar que o depoimento dela não é verdadeiro." Ele prometeu apresentar

fatos "bem sérios" sobre o assunto.

Sobre o fato de optar pelo silêncio, ACM revelou que isso faz parte de sua estratégia. "Se eu não falar tudo no depoimento, não terei o impacto necessário para fazer a minha prova." O ex-presidente do Senado também defendeu Arruda. "Não acredito que ele tenha feito o que doutora Regina diz", declarou, observando que é preciso buscar "o interesse e por que foi feito".

**Tática** – ACM vai jogar todas as fichas para sair do tiroteio político e evitar sua cassação, no depoimento no Conselho de Ética. Ele já definiu a estratégia de defesa com políticos próxi-

mos: continuará negando qualquer envolvimento na violação do sigilo, em junho. O parlamentar está preparando argumentos para contestar a versão apresentada pela ex-diretora do Prodasen, que disse ao conselho ter violado o painel a pedido de Arruda, em nome do senador pefelista. "Só falarei sobre esse assunto no meu depoimento, o que espero que seja o mais breve", reiterou ACM.

O pefelista baiano insistirá em sua "primeira e única" versão do caso. Ou seja, a de que nunca viu a lista e apenas co-

mentava como os colegas haviam votado por causa de avaliações feitas por outros senadores. Ele evitará fazer comentários sobre a situação de Arruda. "Regina não tratou comigo e não pedi nada a ela; agora não posso controlar se outros estão falando por mim", disse ACM, definindo sua linha de defesa.

Sobre os telefonemas feitos para Regina, ele continuará insistindo que o objetivo era conversar sobre outros assuntos. ACM deve admitir, porém, o encontro que teve com a ex-diretora do Prodasen na casa de sua assessora Isabel Flecha de Lima. "Ela foi me pedir para eu nomear um funcionário que trabalhava no gabinete de Luiz Estevão", revelou ACM. Essa informação indica que ele tentará estabelecer uma relação de Regina com o senador cassado.

Ele também vai dizer que Regina pediu para ajudá-la em relação à investigação feita pela Unicamp no painel do Senado. "Respondi que não tenho nada com isso", explicou ACM. Ele também deve afirmar no depoimento que sua própria assessora fez advertências para Regina, questionando se ela estava envolvida no episódio do sigilo do painel eletrônico.

**PEFELISTA  
NEGA  
ESTRATÉGIA  
CONJUNTA**

"Se minha assessora disse isso a ela, como eu estava implicado?", tem repetido ACM para aliados, com o objetivo de fortalecer sua defesa.

Segundo interlocutores do político baiano, ele deve ficar distante de Arruda, evitando uma estratégia conjunta. "Neste momento, cada um que salve sua pele", explicou um parlamentar próximo de ACM, que avalia sua situação como mais confortável do que a de Arruda.

Mesmo assim, o pefelista vai evitar declarações que possam incriminar o tucano. "Não vou

falar sobre isso", tem repetido. Na verdade, políticos ligados ao senador apostam na possibilidade de Arruda assumir sozinho a culpa pela quebra do sigilo da votação, livrando-o de qualquer responsabilidade.

Ele pretende usar em sua defesa, o depoimento da ex-diretora do Prodasen. "Se alguém olhar o depoimento da Regina com atenção, perceberá que ela não fez acusação alguma contra mim", disse ACM a alguns interlocutores. Na quinta-feira, ele acompanhou todo o depoimento da ex-diretora do Prodasen em seu gabinete, mas negou a fazer comentários.

De forma reservada, ACM tem reconhecido que as avaliações são favoráveis à ex-diretora do Prodasen. Amigos próximos do senador comentam que só em outro episódio viram ACM tão abatido: na morte de seu filho Luís Eduardo Magalhães, há três anos. Ele próprio tem reconhecido que sua situação é difícil e já pediu ajuda a alguns senadores.

Na semana passada, chegou a sondar com colegas a possibilidade do adiamento do depoimento de Regina, o que acabou não ocorrendo. Ele também demonstrou preocupação com a identificação de suas ligações telefônicas para a ex-diretora do Prodasen pelo tronco telefônico do Senado.

Apesar do abatimento, ACM tem feito esforço para aparentar tranquilidade e calma. Na sexta-feira, ele participou da inauguração de obras do governo baiano em Itapetinga, a 571 quilômetros de Salvador. Na ocasião, recebeu a solidariedade de vários correligionários pefelistas. Chegou a fazer um discurso para 3 mil pessoas, mas não citou o escândalo do painel. "Enquanto vida tiver, vou lutar pela moralidade pública e decência", disse. Depois, participou da missa em memória de Luís Eduardo. (Colaborou Gerson Camarotti)